

Ana Cláudia dos Santos Barbosa

Experiências Adversas Precoces, Vinculação Romântica e Experiências de Violência entre Jovens Adultos

**Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto para
obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde
Especialização em Infância e Adolescência**

Orientadora científica: Professora Doutora Joana Cabral

Universidade Lusófona do Porto

Faculdade de Psicologia

Porto

(2014)

Dedicatória

A ti meu amor, porque para sempre ainda é pouco!

“Saudades! Sim...talvez...e porque não?

Se o nosso sonho foi tão alto e forte

Que bem pensara vê-lo até à morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê? Ah! Como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se ele deixou beleza que conforto

Deve-nos ser sagrado como pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar,

Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fosse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar

Mais a saudade andasse presa a mim!”

Florbela Espanca

AGRADECIMENTOS

Para a elaboração de uma investigação é preciso muito esforço, suor e lágrimas, mas não percorri este caminho sozinha. Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Doutora Joana Cabral pela ajuda imprescindível, pelos ensinamentos na área de psicologia, pelas dicas na utilização do SPSS, mas acima de tudo pela paciência, disponibilidade e profissionalismo com que sempre me brindou. Agradeço também ao professor Jorge Gato pelas aulas que fizeram maravilhas, e que me mostraram que às vezes as coisas não são tão difíceis como esperávamos. Aproveito também para agradecer às minhas colegas de equipa que de uma forma ou de outra estiveram presentes e me ajudaram, Maria do Carmo, Ana Rita, Márcia, Ana Marinho e Fernanda, a todas, muito obrigada.

Quero agradecer a todos os que de uma forma ou de outra contribuíram para que este estudo se realiza-se, porque sem vocês isto não teria sido possível. Obrigado por contribuírem para o crescimento da investigação em psicologia.

Um agradecimento especial ao Dr. José Armindo, por tudo o que é e o que fez por mim! Obrigado!

Aos meus amigos “do peito”, Luciana, porque estiveste e estás sempre lá nas horas de aperto, e eu acabo sempre por recorrer a ti, és um pilar para mim! À Rita e à Sara, sem vocês eu não seria o que sou hoje, obrigada por existirem. A ti, Joana, porque estas sempre lá quando eu preciso e quero-te sempre na minha vida. Márcia, Guedes e Coutinho obrigada, vocês são bestiais! Espero que a nossa história não acabe aqui. Mécia e Helena, vocês ensinaram-me aquilo que não se aprende na escola, obrigado “mães”. Abel e Liliana, obrigado por tudo. Vocês são umas pessoas formidáveis. Fábio, obrigado por participares no estudo, mas acima de tudo obrigado pelo teu apoio. Paulinha, não tenho palavras que cheguem para agradecer todo o apoio que me deste! Do fundo do coração, obrigada!

Pai, mãe, sem vocês, eu não seria nada, não teria nada! Obrigado pelo esforço e sofrimento que passaram para que eu me torna-se a mulher que sou hoje. Nunca vou esquecer o que fizeram por mim. Amo-vos.

Aos meus irmãos e irmã, obrigado por estarem sempre lá quando é preciso, pelo apoio e dedicação! Somos uma super família.

A ti meu avô, porque te devo tudo, porque te adoro! E sei que nunca vou conseguir retribuir todo o bem que me fizeste, nem que vivesse mil anos. Obrigado meu Quim.

Obrigado queridos sobrinhos e sobrinha, vocês são a minha alegria!

A ti, Delfim, minha paixão, que amo mais do que tudo, obrigado pelo apoio, pela paciência infinita, pelo carinho, obrigado por tornares a minha vida especial! Sabes o que a conclusão deste trabalho significa para nós, a partir daqui somos inseparáveis.

RESUMO

O estudo da violência na intimidade dos jovens tem vindo a ganhar notoriedade na comunidade científica. O interesse neste fenómeno ainda é recente e talvez por isso os investigadores ainda não tenham chegado a um consenso sobre quais as causas do aumento da violência entre os jovens casais. O principal objetivo deste estudo é analisar a existência de associações entre as experiências adversas precoces, os níveis inferiores de segurança na vinculação romântica e os comportamentos violentos na intimidade dos jovens. Foram incluídos neste estudo apenas os jovens que têm ou tiveram uma relação amorosa. A maior parte dos sujeitos são estudantes a frequentar o ensino superior.

Surgiram alguns resultados inesperados, nomeadamente no que diz respeito às associações entre experiências adversas e indivíduos que experienciam elevada dependência. Mas de uma forma geral, os resultados demonstram que as experiências adversas precoces estão associadas à qualidade da vinculação romântica e aos comportamentos violentos nas relações de intimidade.

Palavras-chave: Experiências Adversas, Vinculação Romântica, Violência Íntima.

ABSTRACT

The study of intimate violence in young people has gained notoriety in the scientific community. The interest in this phenomenon is recent and perhaps that's why researchers have not yet reached a consensus on the causes of increasing violence among young couples. The main goal of this study is to analyze the associations between early adverse experiences, lower levels of security in romantic attachment and violent behavior in the young's intimacy. This study includes only young people who have or had a romantic relationship. Most of the individuals are students attending higher education.

There have been some unexpected results, especially with regard to the associations between adverse experiences and individuals who experience higher levels of dependency. However, in general, the results demonstrate that early adverse experiences are associated with the quality of romantic attachment and violent behavior in intimate relationships.

Keywords : Adverse Experiences, Romantic Attachment, Intimate Violence.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE GERAL	v
INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	2
Capítulo I – O Fenómeno da Violência na Intimidade dos Jovens	3
1.1. Prevalência do Fenómeno	3
1.2. Estudos Nacionais	4
1.3. Modelos Teóricos da Violência nas Relações de Intimidade	9
1.4. Fatores de Risco para a Perpetração	11
Capítulo II – Vinculação e Violência na Relação de Intimidade	13
2.1. Vinculação: Breve Definição	13
2.2. Vinculação e o Abuso na Relação de Intimidade	15
Capítulo III – Experiências Adversas Precoces	18
3.1. Influência das Experiências Adversas na Violência Intima	19
ESTUDO EMPÍRICO	22
1. Objetivo do Estudo	22
2. Hipóteses	22
3. Método	23
3.1. Participantes	23
3.2. Procedimento	24
3.3. Instrumentos	24
3.3.1. Questionário Sociodemográfico	24
3.3.2. Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro Entre Adolescentes (CADRI)	25
3.3.3. Questionário de Vinculação Amorosa (QVA)	26
3.3.4. Questionário de História na Infância (ACE)	26
4. Resultados	27
5. Discussão dos Resultados	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação em parceria com o centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, coordenado pela Professora Doutora Joana Cabral, sob o tema “Dinâmicas relacionais e de regulação emocional na violência entre casais de jovens adultos”.

Este trabalho pretende compreender a influência das experiências relacionais adversas da infância na vinculação amorosa, bem como a eventual associação a experiências de violência nas relações de intimidade.

O trabalho que se segue encontra-se dividido em duas partes, enquadramento conceptual e estudo empírico. Relativamente ao enquadramento conceptual o primeiro capítulo aborda o fenómeno da violência na intimidade dos jovens, a prevalência do fenómeno, refere alguns estudos nacionais sobre a temática. Em seguida, são revistos alguns modelos teóricos que pretendem explicar a violência nas relações de intimidade, abordam-se as implicações da violência íntima na saúde física e psicológica e no final deste capítulo são referidos os fatores de risco para a perpetração.

No segundo capítulo define-se sucintamente a vinculação e explora-se a relação entre a vinculação e a violência nas relações de intimidade.

No terceiro capítulo é abordado o tema das experiências adversas precoces, define-se o que são experiências adversas e discute-se a influência destas experiências na violência íntima dos casais.

Na segunda parte deste trabalho é apresentado o estudo empírico, onde se destaca o objetivo deste estudo, descreve-se os instrumentos e procedimentos utilizados, assim como a descrição da amostra. E no final são apresentados os resultados obtidos e a respetiva discussão dos mesmos.

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Capítulo I - O Fenómeno da Violência na Intimidade dos Jovens

A violência na intimidade não é um problema recente. No entanto, só a partir de meados do século passado é que este fenómeno mereceu maior atenção por parte dos investigadores. A partir desse momento a atenção científica e social aumentou, com claro destaque para a violência contra as mulheres (Caridade, 2008)

O interesse na violência entre casais de jovens é ainda mais recente, só a partir dos anos 80 é que esta problemática gera interesse na comunidade científica, pelo que durante muito tempo o foco da atenção se direccionava unicamente para a violência entre marido e mulher (Caridade, 2008). A atenção focada na problemática da violência, começou por se preocupar com aumento de casos de violência física muito grave, que apontavam a mulher como vítima, e talvez esta seja uma das razões para a violência entre os jovens ter sido inicialmente negligenciada. Por outro lado, a nível legal não existe nenhum estatuto referente à penalização da violência fora do casamento, o que dificulta o acesso das vítimas às instituições de apoio, contribuindo para a falta de visibilidade deste fenómeno. Mesmo no que concerne à violência entre casais só há pouco tempo esta se tornou num crime público (Caridade, 2008)

Contudo, e apesar das dificuldades, a violência entre os jovens casais tem vindo a avivar o interesse da comunidade científica, sendo uma das razões que justifica o estudo deste fenómeno o claro aumento de casos relatados numa idade precoce, pelo que os investigadores procuram contribuir para a compreensão sobre o que está na origem da violência nas relações íntimas entre jovens e o que explica a manutenção de uma relação de abuso ainda em período de namoro (Caridade, 2008)

Tal como defendido por Arriaga e Oskamp (1999, citado por Caridade & Machado, 2006) a definição do conceito de violência tem envolvido alguma “controvérsia”, resultando em diferentes conceptualizações que geraram uma “disparidade de dados de prevalência” (Caridade & Machado, 2006, p.486).

A violência na relação de intimidade (VRI) ou *Intimate partner violence*¹(IPV) é definida como: “ qualquer ocorrência de violência física, violência sexual ou abuso

¹ “IPV is defined as any instance of physical violence, sexual violence, or emotional abuse between intimate Partners.”

emocional entre parceiros íntimos” (McDermott & Lopez, 2013, p.127) inicialmente o termo IPV foi criado para referir a violência dos homens contra as mulheres (McDemott & Lopez, 2013) no entanto, as revisões feitas ao longo dos tempos sugerem que ambos, homens e mulheres, são capazes de violência íntima contra o/a parceiro/a (IPV) (McDemott & Lopez, 2013).

O *abuso físico* é definido como “ uso de ameaça ou força física ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou injúria a outrem” (Sugarman & Hotaling, 1989, p.4 citado por Paiva & Figueiredo, 2003, p.167)

A *coerção sexual* é frequentemente definida como um comportamento cujo intuito é coagir o companheiro a uma interação sexual contra a sua vontade; variando os atos coercivos desde a insistência ou ameaça, ao uso da força física (Paiva & Figueiredo, 2003)

O *abuso psicológico*² pode definir-se como: “um comportamento controlador e coercivo, que inclui o isolamento do parceiro/a romântico dos outros; denegrir e dominar o parceiro/a e o uso recorrente de críticas, ameaças e agressão verbal” (Gormley & Lopez, 2010, p.204)

1.1. Prevalência do fenómeno

A nível internacional, surgiram em 1981 os primeiros dados empíricos que relatam a prevalência do fenómeno nesta faixa etária, resultantes de um estudo pioneiro desenvolvido por Makepeace, no qual se comprovou que um em cada cinco estudantes universitários eram afetados por este tipo de abuso (Caridade, 2008).

De acordo com a investigação, a violência íntima entre parceiros jovens tem vindo a aumentar de forma preocupante (e.g., Gormley & Lopez, 2010; Caridade & Machado, 2006; Paiva & Figueiredo, 2006). Talvez por isso esta seja uma temática que cada vez mais interessa aos investigadores. Alguns estudos revelam que a violência psicológica é comum nos estudantes universitários. Num estudo, com esta população, mais de três quartos das mulheres universitárias referiram ser vítimas de abuso psicológico (Neufeld, McNamara, & Ertl, 1999 citado por Gormley & Lopez, 2010).

² “Psychological abuse is defined as controlling and coercive behavior, including isolating romantic partners from others; denigrating and dominating them; and using recurring criticism, threats, and verbal aggression.”

Num estudo de Paiva e Figueiredo o abuso psicológico é o mais prevalente quer no que se refere à perpetração, 53,8% dos inquiridos, quer à vitimação, 50,8% dos inquiridos.

Que fatores levam estes jovens a desenvolver e perpetuar relações de a violência íntima? O que pode ser feito para prevenir este fenómeno? São questões a que ao longo de diversos estudos vários investigadores têm tentado responder. Este é, também, um assunto de saúde pública, pelas implicações físicas e psicológicas que acarreta. Por exemplo, nos Estados Unidos mais de meio milhão de mulheres e mais de cem mil homens são acompanhados devido às lesões provocadas pela violência íntima entre parceiros (IPV) (Roberts, McLaughlin, Conron, & Koenen, 2011)

Adicionalmente, os estudos demonstram que, caso a relação amorosa abusiva se perpetue, a violência tende a aumentar em termos de frequência e gravidade (Hamberg & Holtzworth-Munroe, 1994 citado por Caridade, 2008), constituindo um fator preditor da violência conjugal (Hamby, 1998; Barnes & Acker 1995 citados por Caridade, 2008).

Desta forma podemos dizer que o estudo desta temática se revela pertinente, não só pelo impacto imediato que causa nas vítimas, mas também devido à desproteção destas, assim como devido ao facto de esta forma de abuso potenciar agressões, possivelmente mais graves (Caridade, 2008).

1.2. Estudos Nacionais

Como já foi referido anteriormente, o interesse no estudo da violência na intimidade juvenil é recente, e ainda mais recente é o interesse da comunidade no abuso psicológico assim como na coerção sexual. Os primeiros estudos focavam-se particularmente no abuso físico, mostrando uma perspetiva reduzida do fenómeno (Caridade, 2008)

São atualmente visíveis algumas alterações sociais e políticas. A gravidade do fenómeno começa a atrair as atenções. Recentemente verificaram-se alterações na lei, passando o crime de violência doméstica a ser previsto no artigo 152º do código e a ser “tipificado como maus - tratos, abrangendo, deste modo a violência entre namorados e ex-companheiros, sejam casais heterossexuais ou homossexuais” (Caridade, 2008, p.49).

De seguida procuramos identificar alguns dos estudos feitos em Portugal sobre o tema, resumindo o mais importante de cada um deles e, através das suas principais conclusões, sublinhamos a pertinência do estudo deste fenómeno.

Apesar de em número reduzido, encontram-se já, a nível nacional, alguns estudos que procuram analisar e compreender a prevalência do fenómeno. Apresentamos em seguida um pequeno resumo desses mesmos estudos.

Lucas (2002) procurou determinar a prevalência do fenómeno da agressividade entre namorados adolescentes. A amostra foi de 925 participantes, de idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Neste estudo verificou-se que os rapazes tendem a usar mais agressão física (20%) do que as raparigas (9,8%). Por outro lado, as raparigas parecem recorrer mais à agressão verbal (42,3%) em comparação com os rapazes (27%). Os dados sugerem também que os jovens mais velhos (entre os 15-17 anos), de ambos os géneros, são, os mais agressivos.

Paiva e Figueiredo (2004) realizaram um estudo com 318 estudantes universitários, verificando que, em termos de perpetração e vitimação, a agressão psicológica é a mais prevalente (53,8 e 50,8% respetivamente), seguida da coerção sexual (18,9 e 25,6% respetivamente) e do abuso físico sem sequelas (16,7 e 15,4% respetivamente). A forma de abuso menos prevalente, entre os jovens, é o abuso físico com sequelas (3,8 e 3,8% respetivamente). Neste estudo, a perpetração e a vitimação encontravam-se significativamente associadas, o que revela que o uso da violência é comum aos dois elementos da relação.

Oliveira e Sani (2005) realizaram um estudo tendo por base 227 participantes do ensino superior, com uma média de idades situada nos 24 anos. O estudo procurou caracterizar as diferentes formas de violência (física e psicológica), nas relações amorosas do ponto de vista das vítimas e dos agressores, incluindo as relações atuais e passadas. O estudo revela que, nas relações atuais, 52% admitiram ter adotado comportamentos violentos, pelo menos uma vez, para com o(a) parceiro (a) amoroso (a) e 42% admitiram ter sido vítimas de pelo menos um ato abusivo. Por outro lado, nos relacionamentos anteriores, 33% admitiram ter praticado pelo menos um ato abusivo e 41% afirmaram ter sido vitimados pelos (as) parceiros (as) amorosos (as).

Num projeto desenvolvido pela associação portuguesa de apoio à vítima (APAV) (2005/06), participaram jovens de 11 dos concelhos da área do Metropolitana do Porto e arredores, mais concretamente 578 alunos do ensino secundário, com idades compreendidas entre 14 e 21 anos. Os dados deste estudo permitem constatar que a nível da agressão emocional e verbal pontuais, as prevalências variam entre os 7,1% no concelho com menor prevalência e os 39,1%, no concelho com maior prevalência. Enquanto a vitimação pontual varia entre os 4,7% e os 29,6%. No caso dos atos perpetrados de forma mais continuada, os valores oscilaram entre 1,0% e 28,5%, enquanto nas situações de vitimação a percentagem variou entre 6,1% e os 33,9%. No que diz respeito à agressão física, nos relatos de agressão pontual os resultados variam entre 2,6% e os 7,2%, enquanto os relatos de vitimação variam de 2,6% e 8,5%. No que se refere às situações de agressão mais continuada os resultados variam dos 0,2% aos 2,8% e os 0,8 aos 4,8%, respetivamente relativamente à perpetração e vitimação. Este estudo revela-nos também que, no que diz respeito à agressão emocional, à agressão verbal e ao comportamento ameaçador, as raparigas referem mais frequentemente ser agressoras, mas também mais frequentemente terem sido vítimas de algum ato de violência.

Num estudo realizado por Mendes (2006), a amostra contou com 354 participantes, com idades compreendidas entre os 17 e os 37 anos. Este estudo pretendeu determinar a prevalência da violência nas relações de intimidade passadas e atuais. Nas relações atuais, 14,4% dos participantes admitiu perpetrar um ou mais atos abusivos no último ano e 12,1% referiu ter sido vítima de, pelo menos, um ato abusivo. Nas relações passadas, 17,5% admitiu ter adotado condutas abusivas e 21,5% referiu comportamentos de vitimação para com o/a parceiro/a amoroso/a. Este estudo não constatou diferenças de género nem para a agressão nem para a vitimação.

Duarte e Lima (2006) tiveram também como objetivo analisar a prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro, assim como os papéis desempenhados pelos jovens nas situações de violência relatadas. A amostra é constituída por 429 jovens de dois contextos: universitário e secundário. De uma forma geral, 10,7% dos participantes admitiram ter estado envolvidos numa situação de conflito com violência física e 38,2% referiram terem estado envolvidos em situações de violência psicológica nas suas relações de namoro. No que se refere ao papel assumido pelos participantes, uma esmagadora maioria revelou ter sido vítima de

violência física (97,3%), no entanto uma grande parte admite também ter agredido o/a companheiro/a (75%). Relativamente à violência psicológica 81,6% admitiu ter sido vítima deste tipo de violência, e 65,8% admitiu ter este tipo de comportamento para com a/o namorada/o. Este estudo constatou que, relativamente à violência psicológica, os rapazes admitem perpetrar este comportamento com maior frequência (91,3%) em comparação com as raparigas (70%). Não foram identificadas diferenças entre géneros no que diz respeito a comportamentos fisicamente agressivos, nem em relação à vitimação física ou psicológica. Este estudo registou uma relação entre a violência física e psicológica e constatou que os estudantes universitários revelam níveis mais elevados de violência, tanto física como psicológica em comparação com os estudantes do ensino secundário.

Rodrigues (2007) realizou um estudo que contou com 596 participantes de cinco regiões distintas de Portugal Continental, com idades compreendidas entre 15 e os 24 anos, os dados recolhidos referiam-se à caracterização das relações de namoro, às experiências sexuais não desejadas, à presença de comportamentos violentos na relação, às consequências das discussões e aos motivos que as motivaram. No que diz respeito à violência psicológica, 76,7% dos jovens mencionou perante terceiros (pessoas fora da esfera íntima do casal) algo de mau/incorreto que o parceiro (a) fez no passado, tendo 74,6% falado em tom hostil ou ofensivo; 30,8% admitiram ter insultado o(a) parceiro(a); 10,4% ridicularizaram, diante de outros, o parceiro(a) amoroso(a). No que diz respeito à violência física as percentagens de abuso variam dos 4,4% aos 15,4% consoante o ato de violência. Relativamente à violência sexual, 33,3% dos inquiridos referiu ter apalpado o(a) parceiro(a) sem que este(a) desejasse; 1,7% admitiu já ter forçado o(a) parceiro(a) a praticar relações sexuais sem o seu consentimento; 28,5% referiu beijar o(a) parceiro(a) quando este(a) não o desejava. Quanto às ameaças, 22,4% referiram já ter assustado propositadamente o(a) parceiro(a); 7,2% ameaçaram destruir algo que o(a) outro(a) prezava. Este estudo constatou ainda que os rapazes eram tanto os mais agressivos como os mais agredidos sexualmente. Sofriam também mais consequências físicas e cediam para evitar discutir com as companheiras. Quanto às raparigas agrediam fisicamente com maior frequência os parceiros.

Costa e Sani (2007), num estudo que procurou determinar a prevalência, frequência e severidade dos vários tipos de abuso, no que diz respeito à perpetração e vitimação, estudaram uma amostra de 345 participantes do ensino universitário, as

idades variam dos 18 aos 40. O estudo comprovou o predomínio da agressão psicológica (69%) seguida do abuso físico sem sequelas (28%), coerção sexual (24,4%) e, em último, do abuso físico com sequelas (5,6%). Relativamente à vitimação, o padrão de frequência é semelhante, a agressão psicológica predomina (61,4%), seguindo-se o abuso físico sem sequelas (26,7%), coerção sexual (24,4%) e em último o abuso físico com sequelas (5,9%). O género masculino revela mais abuso físico com sequelas e coerção sexual e relataram também mais vitimação destas formas de abuso.

Os estudos sobre este tema têm proliferado a nível global, se bem que existem grandes diferenças de investimento na investigação do fenómeno. Podemos constatar que a nível internacional a América do norte (EUA e Canadá) e a Europa (Reino Unido) revelam um maior número de estudos publicados.

No entanto, apesar da expansão dos estudos, estes tem revelado resultados extremamente variáveis e difíceis de interpretar “sugerindo taxas de prevalência (de perpetração e/ou vitimação) que poderão ir desde os 12,1% até aos 72,4% (Henton *et al.*, 1983 e Aldrichi, 2004, citados em Caridade, 2008). Este desfazamento pode ser explicado pela grande variabilidade no que diz respeito a opções metodológicas utilizadas pelos investigadores. O mesmo fenómeno verifica-se a nível nacional, como se pode verificar pela revisão anterior.

Se analisarmos os resultados dos estudos anteriormente descritos, podemos constatar que, na maior parte dos estudos, a violência psicológica/ abuso emocional se destaca. Podemos constatar que esta forma de abuso psicológico tem uma expressiva prevalência junto da população jovem, o que desperta a curiosidade dos investigadores quanto às causas deste fenómeno. É também relevante sublinhar que alguns dos estudos permitem concluir que nestas relações não existem apenas vítimas e abusadores, mas antes vítimas que em algum momento também abusaram física ou psicologicamente do parceiro(a). Estes resultados são preocupantes porque demonstram um padrão nos relacionamentos atuais dos jovens, em que estes parecem legitimar a violência e o abuso, tanto físico como psicológico, nas suas relações íntimas.

De uma forma global, estes estudos contradizem a visão convencional de que o homem é o perpetrador e a mulher a vítima. Numa boa parte dos casos não foram encontradas diferenças significativas e/ou expressivas de género. Pelo que analisamos ambos os membros do casal são capazes de perpetrar atos abusivos para com o

parceiro(a). A diferença mais evidente é que os rapazes tendem a perpetrar mais o abuso físico, e as raparigas mais o abuso psicológico (contudo não se verifica unanimidade nos estudos). De acordo com Johnson (1995, citado por Caridade, 2008), “Face a estes resultados, consideramos necessário ponderar a possibilidade de existirem múltiplas formas de violência entre os parceiros íntimos, sendo que algumas destas formas de violência poderão ser simétricas em termos de género e outras não” (Caridade, 2008, p. 61).

Estas implicações são consideradas em muitos estudos, no quadro de saúde dos indivíduos, dada a frequência com que são necessários os serviços médicos, pelo elevado mal-estar físico e doenças de diversa ordem que causa (Coker, Reeder, Fadden, & Smith, 2003; Coker, Sanderson, Fadden, & Pirisi, 2000b citados por Paiva & Figueiredo 2006), assim como “ por ser um fator que suscita uma resposta de *stress* aumentada e por vezes continua” (Paiva & Figueiredo, 2006, p 245).

A vitimação está associada a um grande número de doenças físicas que incluem lesões, asma, dor crónica, infeções sexualmente transmissíveis e morte, e dificuldades psicológicas como a depressão, o suicídio, perturbação *pós-stress* traumático (Roberts *et al.*, 2011).

O interesse específico na violência psicológica surge mais recentemente, não só porque muitas vezes é precursor de outras formas de abuso, (Straus & Sweet, 1992 citado em Paiva & Figueiredo, 2006) mas também por ser o tipo de abuso que mais efeitos tem em termos de saúde dos indivíduos (Coker & Davis, 2001 citado por Paiva & Figueiredo, 2006).

1.3. Modelos teóricos da violência nas relações de intimidade

Abordamos em seguida, de forma muito breve, algumas propostas teóricas que procuram abarcar diversas explicações para o fenómeno da violência na intimidade.

Tendo por base os sistemas sociais e familiares, Gelles e Straus (1979, citado por Matos, 2006) sugerem algumas teorias que procuram explicar a violência na intimidade. A *teoria da frustração-agressão* defende que o ser humano nasce com uma predisposição para ser agressivo e manifestar comportamentos violentos. Estes comportamentos surgem, de acordo com esta teoria, como consequência de situações que interferem com os propósitos do indivíduo. Os autores fazem ainda referência à

teoria da troca e à teoria do controlo social. A primeira “supõe que a interação humana se orienta pela busca das recompensas e pelo evitamento de punições; a segunda propõe que o comportamento criminal ocorre na ausência de normas sancionatórias de um determinado comportamento” (Matos, 2006, p. 98).

O que Gelles (1983, citado por Matos, 2006) sustenta, apoiando-se nestas teorias, é que a violência aumenta de frequência quando as recompensas para o comportamento abusivo superam as punições. O ambiente em que a família vive e as *reticências* de algumas instituições em intervir ajudam a reduzir a punição do abusador. A aprovação pela sociedade do uso da violência fomenta a recompensa para este tipo de comportamentos (Matos, 2006).

O modelo social etiológico, segundo Heron, Javier, McDonald-Gomez e Adlerstein (1994, citado por Matos, 2006), propõe a interação de fatores estruturais (e.g. as desigualdades estruturais, o domínio do masculino, a organização hierárquica das famílias) e pessoais (e.g. aceitação da violência como forma de resolver conflitos, aprovação da violência como forma de *disciplinar* a parceira) para a ocorrência da violência contra a mulher.

Corsi (1995, citado por Matos, 2006) propõe o modelo ecológico, que apresenta um maior nível de integração, salientando influências a três níveis na estrutura da violência familiar: (1) o microssistema - história pessoal (e.g. violência na família de origem), resolução de conflitos de forma violenta, autoritarismo nas relações familiares, baixa auto-estima, isolamento; (2) o exosistema - que inclui a legitimação institucional da violência (e.g. reprodução de modelos autoritários), modelos violentos veiculados pelos *mass-media*, vitimação secundária (a vítima experiencia outra situação de vitimação por parte daqueles a quem recorreu à procura de ajuda), insuficiente legislação e apoio à vítima desadequado, impunidade dos agressores; (3) e o macrosistema - crenças e valores culturais, concepções estereotipadas acerca do poder e do género, atitudes (tolerantes) face ao uso da força como forma de resolver conflitos, estereótipos relativos aos papéis familiares e de género, isto é, a forma como cultural e socialmente se distribuem as funções do homem e da mulher e, os seus direitos e responsabilidades no seio da família (Matos, 2006)

A perspetiva da transmissão intergeracional da violência é suportada teoricamente pelos trabalhos de Bandura acerca da aprendizagem social, especialmente

da aprendizagem do comportamento agressivo (Bandura, 1973, 1977, 1979; Bandura, Ross & Ross, 1961 citados por Sismeiro, 2012). O autor “pressupõem que crianças que se desenvolvem num contexto familiar violento estão, na vida adulta, em risco acrescido de perpetração de violência contra o parceiro” (Rosenbaum & O’ Leary, 1981; Hotaling & Sugarman, 1986; Murrell, Christoff, & Henning, 2007, citados por Sismeiro, 2012). De acordo com esta teoria, as crianças vítimas de abuso parental, designadamente abuso físico, e/ou que testemunharam violência interparental, aprendem comportamentos agressivos e legitimam o seu uso como formas adequadas de resolução de conflitos, assim como desenvolvem atitudes favoráveis à utilização de violência para resolver situações de tensão e para restabelecer a autoridade no contexto das relações de intimidade (Sismeiro, 2012).

1.4. Fatores de risco para a perpetração

Relativamente a esta questão, existe uma grande variedade de investigações que têm trabalhado no sentido de identificar os fatores que potenciam a violência e a perpetração desta, nas relações amorosas (Machado & Caridade, 2006).

Numa revisão de literatura dirigida por Sugarman e Hotalling (1991, citado por Machado & Caridade, 2006) identificou-se a importância da auto-estima, do estatuto da relação (e.g., a duração, estabilidade), das experiências relacionais passadas e das competências de comunicação interpessoal. Existem ainda outros estudos que acrescentam o funcionamento familiar e (ausência) de práticas educativas (adequadas), assim como o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas, como possíveis preditores de violência na intimidade (e.g., Dahlberg, 1998 citado por Glass *et al.*, 2003; Lewis & Fremouw, 2001 citado por Machado & Caridade, 2006). Por exemplo, num estudo longitudinal realizado por Swinford, DeMaris, Cernkovich, e Giordano (2000, citado por Paiva & Figueiredo, 2003) que contou com 608 sujeitos, constatou-se que práticas disciplinares de punição física na infância estão associadas à perpetração de abuso no relacionamento íntimo com o parceiro/a no início da idade adulta, sendo que os níveis de abuso aumentam, se existiram problemas comportamentais durante a adolescência.

Alguns estudos encontram também associação entre o abuso de álcool e drogas e comportamentos violentos nas relações íntimas. Dentro destes fatores, a exposição à violência na infância é dos que levanta maior polémica. Assim, enquanto alguns autores

(e.g. Riggs *et al.*, 2011) defendem que existe uma relação entre observar a violência interparental na infância e a posterior violência na intimidade amorosa, outros (e.g. Comings, 1984, citado por Machado & Caridade, 2006) referem não existir qualquer relação entre estas duas variáveis. Não obstante, existe um número considerável de estudos que suportam a transmissão intergeracional de violência, sugerindo que crianças que testemunharam ou foram vítimas de abuso na sua infância, apresentam maior risco de vitimação e perpetração de violência num relacionamento íntimo enquanto adultos (Dowd, Leisring, & Rosenbaum, 2005; Kwong, Bartholomew, Henderson, & Trinke, 2003; Linder & Collins, 2005; Swan, Gambone, Fields, Sullivan, & Snow, 2005 citados por Rapoza & Baker, 2008). Assim, ser vítima de abuso ou negligência na infância tem-se também revelado positivamente associado com a perpetração da violência nas relações íntimas enquanto adultos, contudo os mecanismos subjacentes a esta associação estão ainda por esclarecer.

Segundo Gardner (1996, citado por Paiva & Figueiredo, 2003) ter experienciado abuso (sexual) na infância a par de, um padrão de vinculação ansiosa e, da necessidade excessiva de controlar o companheiro e o ciúme na relação de namoro são fortes preditores de relatos de agressão física. Esta questão, nomeadamente no que concerne à vinculação, será adiante melhor explorada.

Capítulo II-Vinculação e violência na relação de intimidade

Um dos pontos fortes da teoria da vinculação é “o seu potencial como base conceptual unificadora” com base na qual qual podemos organizar e interpretar diferentes descobertas na literatura sobre violência doméstica que se centram nos “correlatos entre o cognitivo, afetivo e comportamental da violência no namoro entre adultos” (Rapoza, 2002, p.1).³

2.1. Vinculação: Breve Definição

Segundo Rapoza⁴ (2002), “O laço que liga a criança ao cuidador primário, e a influência que esse vínculo precoce tem nos relacionamentos ao longo da vida, é o ponto-chave da teoria da vinculação” (Rapoza, 2002, p.1). Bowlby (1969, citado por Rapoza, 2002) conceptualizou a vinculação como um sistema de cognição, afeto e comportamento utilizado pela criança para manter o cuidador primário próximo. Do ponto de vista de Bowlby (1988, citado por Rapoza, 2002), a qualidade da experiência de vinculação na infância *molda* os modelos internos dinâmicos da criança e a representação da disponibilidade e responsividade dos outros. Os modelos internos dinâmicos são: “representações dinâmicas que possibilitam ao individuo prever e interpretar o comportamento de um parceiro, e planejar a sua própria resposta” (Collins & Sroufe, 1999 citado por Riggs *et al.*, 2011, p.127)”. Bowlby propôs que os modelos internos dinâmicos de si e dos outros se constroem e formam durante os primeiros anos de vida, moldando e guiando as interações ao longo do curso da vida (Rapoza, 2002).

Bowlby (1969, citado por Rapoza, 2002) propôs que a qualidade da interação com a figura de cuidados e a criança influencia a vinculação e o desenvolvimento do modelo de funcionamento interno das relações, que por sua vez influenciam a formação de relações através da nossa vida. Não obstante, ao longo do desenvolvimento, ocorrem mudanças na estrutura e conteúdo das relações de vinculação de cada indivíduo, mudando estas de uma interação assimétrica, como é o caso da relação entre a criança e o prestador de cuidados, para uma relação mais simétrica e recíproca, como por

³ “One of the strengths of attachment theory is its potential to provide a unifying conceptual basis from which to organize and interpret disparate findings in the domestic violence literature that center around the cognitive, affective and behavioral correlates of adult courtship violence.”

⁴ “The bonds that form between the child and the primary caretaker, and the influence those early attachments have on relationships throughout the life span, is a focal point of attachment theory.”

exemplo as relações de vinculação romântica entre os adultos (Henderson, Bartholomew, Trinke & Kwong, 2005).

Hazen e Shaver (1987, citado por Rapoza & Baker, 2008) propuseram que o amor romântico podia ser considerado como um processo de vinculação. As variações nas primeiras experiências relacionais produzem diferenças relativamente duradouras nos *tipos* de relações. Os três principais estilos de vinculação na infância, descritos na literatura, dever-se-iam, segundo Hazen e Shaver, manifestar no amor romântico (Feeney, 2008). Baseando-se nesta teoria, Hazen e Shaver (1987, citado por Rapoza & Baker, 2008) formularam um protótipo de três estilos de vinculação no adulto: a) vinculação segura, caracterizada por conforto em depender do outro e proximidade na intimidade; b) vinculação evitante caracterizada pelo desconforto com a proximidade e dificuldade em confiar nas pessoas; c) vinculação ansiosa caracterizada pelo medo excessivo de abandono.

Bartholomew (1990, citado por Henderson *et al.* 2005) baseando-se nos pressupostos de Bowlby, identificou também quatro padrões de vinculação amorosa. O *padrão de vinculação segura* no qual, segundo a autora, o indivíduo revela uma visão positiva de si mesmo e dos outros, e é caracterizado por uma elevada autoestima e pela capacidade para estabelecer e manter relações íntimas com os outros, sem perda da sua individualidade; *padrão de vinculação amedrontado*, o sujeito tem uma visão negativa de si mesmo e dos outros, e é caracterizado por uma baixa autoestima e evitamento da intimidade devido ao medo de rejeição; *padrão de vinculação preocupado*, o sujeito tem uma visão negativa de si mesmo e uma visão positiva dos outros, é caracterizado por um baixo autoconceito, excessiva dependência do amor e aprovação dos outros e um envolvimento excessivo nas relações de intimidade; por último o *padrão de vinculação desinvestido*, o indivíduo tem uma visão positiva de si mesmo e uma visão negativa dos outros, é caracterizado por uma exagerada autoconfiança e uma excessiva minimização da importância das relações íntimas, evitando também a intimidade (Henderson *et al.*, 2005)

Amplas evidências relacionam a vinculação entre parceiros adultos a vários aspetos das relações românticas, que incluem funcionamento e satisfação a dois, a capacidade para intimidade, capacidade para cuidar e apoiar o parceiro/a, o

comportamento sexual, a gestão de conflitos e a agressão na relação (Henderson *et al.*, 2005)

2.2. Vinculação e o abuso na relação de intimidade

A vinculação ansiosa tem sido associada com a perpetração do abuso físico e psicológico bem como com a vitimação (Rapoza & Baker, 2008), no entanto não está claro que este fator de risco funcione de maneira diferente para os homens e para as mulheres (Rapoza & Baker, 2008). A vinculação ansiosa tem sido associada como sendo um fator de propensão à agressão física do parceiro/a romântico durante uma situação de grande tensão (Davis, Shaver, & Vernon, 2003 citado por Rapoza & Baker, 2008) assim como está relacionada com a perpetração do abuso físico e psicológico (Henderson, Bartholomew, Trinke, & Kwong, 2005; Orcutt, Garcia, & Pickett, 2005). Henderson et al. (2005) referem que a relação ente a vinculação ansiosa e a vitimização é um fator de risco tanto para os homens como para as mulheres.

Não existe um consenso entre os investigadores quanto a este tema. Sabe-se que a vinculação influencia a interação do casal, e que o tipo de vinculação aliado a outros fatores, pode ser um fator de risco na perpetração e vitimação das relações abusivas (Henderson et al., 2005; Orcutt, Garcia, & Pickett, 2005).

De acordo com Bartholomew, Henderson e Dutton (2001), indivíduos cujas necessidades de vinculação têm resultado na não satisfação das necessidades de segurança e conforto emocional, ao longo das histórias dos relacionamentos e que se sentem particularmente vulneráveis à potencial perda da figura de vinculação podem revelar-se violentos de forma a recuperarem a proximidade do parceiro/a amoroso/a.

Embora a teoria da vinculação possa ser aplicada independentemente do género da pessoa que seja vítima de abuso, este conceito tem sido aplicado de uma forma mais abrangente a mulheres maltratadas (Henderson *et al.*, 2005). De acordo com Bartholomew, Henderson e Dutton (2001), a vinculação ansiosa e ser vítima de abuso estão correlacionadas, tanto para homens como para mulheres em amostras de jovens universitários.

Existem evidências de que a vinculação ansiosa está associada à perpetração da violência, no entanto os estudos focam-se principalmente no homem como perpetrador da violência (Henderson *et al.*, 2005). A título de exceção, num estudo realizado por

Dutton, Saunders, Starzomski e Bartholomew (1994, citado por Henderson *et al.*, 2005), verifica-se que homens abusadores são mais preocupados e menos seguros quando comparados com outros homens. Estes autores fazem um paralelo entre os episódios de violência de homens abusivos e os protestos de raiva de uma criança quando separada da sua figura de vinculação (Dutton *et al.*, 1994, citado por Henderson *et al.*, 2005). Sugerem que os atos violentos dos homens surgem frequentemente quando sentem que há possibilidade de perda da figura de vinculação, agindo estes de forma a trazer a figura de vinculação de volta (Dutton *et al.*, 1994, citado por Henderson *et al.*, 2005).

Existe ainda uma associação positiva entre a vinculação ansiosa, o abuso psicológico e um conjunto de características psicológicas (e.g., raiva, inveja, personalidade borderline e trauma), que por sua vez parecem estar associadas aos comportamentos abusivo (Dutton *et al.*, 1994, citado por Henderson *et al.*, 2005).

Num estudo de Bartholomew e colaboradores (2001, citado por Henderson *et al.*, 2005), estes constataram que as mulheres perpetraram significativamente mais atos de abuso psicológico que os homens. Este estudo reitera à existência de uma ligação entre a vinculação ansiosa e o abuso íntimo, incluindo o abuso físico e psicológico assim como a aceitação e perpetuação do abuso.

De acordo com Rogers, Bidwell e Wilson (2005), uma forma de controlar e manipular o parceiro/a na relação é utilizando poder. O poder, isto é, as fontes de rendimento e os recursos que cada um traz para a relação, são utilizadas para ganhar controlo na mesma. O poder económico é talvez o recurso que surge primeiro em mente, no entanto existem outros recursos, como por exemplo, as (controlo das) emoções, a aparência física e a perceção pessoal de ter o poder na relação. Este processo de poder e controlo pode incluir intimidação e a persuasão. No entanto Hotelling & Sugarman (1986, citado por Rogers *et al.*, 2005) apontam o poder na relação íntima como um marcador inconsistente para o abuso ao longo dos estudos. Outros investigadores confirmam a inconsistência dos resultados acerca da influência do poder na violência doméstica (Babcock *et al.*, 1993; Bersani & Chen, 1988 citados por Rogers *et al.*, 2005).

O estudo de Rogers e colaboradores (2005) revelou que as pessoas com vinculação insegura eram mais abusivas do que as pessoas com vinculação segura dependendo da perceção do poder que tinham na relação. Os dados parecem sugerir que

o comportamento abusivo depende da percepção do indivíduo do seu nível de poder e da satisfação com o poder. O estudo demonstrou também que indivíduos com vinculação ansiosa e/ou preocupada eram mais abusivas quando a vinculação dos parceiros era do tipo evitante. A satisfação do parceiro com o poder na relação predizia o abuso, mas só nos casos dos parceiros com um tipo de vinculação evitante. O abuso dependia do grau de percepção do poder na relação dos seus companheiros, e da satisfação com esse poder. Os autores demonstraram que a (in)satisfação com o poder na relação é um forte preditor da agressão na relação de intimidade. As pessoas insatisfeitas com o grau de poder na relação estão mais predispostas a abusar física e psicologicamente dos seus companheiros/as. Estes resultados não querem dizer que as pessoas insatisfeitas com o nível de poder na relação se tornam automaticamente abusivas. Estes indivíduos podem tornar-se abusivos se estiverem motivados para obter mais poder. Ainda assim a satisfação com o grau de poder na relação por si só não explica a violência e o abuso nas relações.

Capítulo III- Experiências adversas precoces

De acordo Gunnar (2000, citado por Maia, Guimarães, Magalhães, Capitão, Campos, & Capela, 2006) “a adversidade refere-se a todas as condições que ameaçam o bem-estar físico e emocional”. Podemos estar expostos a inúmeras adversidades ao longo da vida, desde fatores pré e peri-natais, a situações extremas como as que são vividas em zonas de guerra. As experiências de abuso/maltrato e negligência, que são adversidades interpessoais, assim como a exposição à violência doméstica, a perda ou separação de figuras significativas ou estar ao cuidado de pessoas com um grau de psicopatologia considerável (e.g., depressões severas, abuso de álcool e substâncias) são exemplos de condições inadequadas para o desenvolvimento do indivíduo (Maia *et al.*, 2006)

De acordo com Riggs, Cusimano e Benson (2011), o abuso emocional por parte das figuras de vinculação na infância contribui para uma vinculação insegura. Esta vinculação insegura nas crianças cria vulnerabilidade a uma futura “disfunção”, uma vez que compromete a regulação emocional e gera modelos internos negativos em relação ao próprio e aos outros (Riggs *et al.*, 2011). De acordo com os mesmos autores, quando o prestador de cuidados é abusivo, isto é, “quando a figura de vinculação é simultaneamente a fonte e a solução dos problemas” (Main & Hesse, 1990 citado por Riggs *et al.*, 2011, p.163), a criança tem grandes dificuldades em resolver os seus medos e reduzir a ansiedade, o que leva “à ativação crónica do mecanismo de luta ou fuga e uma desregulação de ativação” (Lyons-Ruth *et al.*, 2004 citado por Riggs *et al.*, 2011, p. 127). Como resultado a criança não desenvolve os recursos para *gerir* os seus estados emocionais de uma forma *eficaz*, desenvolvendo assim uma visão negativa de si própria, vendo-se como inadaptada, lesada e sem capacidade de ser amada, assim como desenvolve uma visão negativa dos outros como ameaçadores, “traidores” e/ou “cruéis” (Riggs *et al.*, 2011).

3.1. Influência das experiências adversas na violência íntima

De uma forma geral, os maus tratos na infância têm sido associados a relações instáveis enquanto adultos, a problemas com a intimidade, a sexualidade e a resolução de conflitos, assim como com a violência íntima entre parceiros (Riggs *et al.*, 2011). No entanto, os estudos deste fenómeno demonstram algumas limitações, por exemplo, grande parte dos estudos ou incluem apenas um dos parceiros amorosos ou falham no reconhecimento da interdependência teórica e estatística dos dados do casal (Riggs *et al.*, 2011). Esta questão aplica-se genericamente aos estudos sobre violência nas relações íntimas (VRI) e não apenas sobre o impacto das experiências adversas na VRI.

Parece não existir um consenso entre investigadores relativamente ao impacto das experiências adversas na VRI. De acordo com Stith e colaboradores (2000, citado por Rapoza & Baker, 2008), experiências de abuso na infância tendem a ser um forte preditor da perpetração do abuso dos homens em relação à sua companheira, mas pelo contrário um forte preditor da vitimação da mulher. No entanto, Rapoza e Baker (2008) constataram que, para ambos os sexos, o grupo violento da amostra reportou significativamente mais experiências de abuso na infância. Assim, parece que a perpetração da violência física foi concordante com ambos os membros do casal que reportaram um número elevado de histórias de abuso na família de origem.

Num artigo de Goubout, Lussier e Sabourin (2006), os autores demonstraram que os traumas desenvolvidos pelas situações de negligência ou abuso na família de origem, com a exceção de testemunhar violência psicológica durante a infância, estão indiretamente associados com o ajuste do casal a longo prazo, através do sofrimento psicológico e da ansiedade de abandono. Esta descoberta é importante porque foi observada numa amostra representativa composta por casos não clínicos, de casais que coabitam ou estão casados. Goubout e colaboradores (2006) referem que ser abusado enquanto criança tem um impacto negativo na capacidade dos adolescentes e jovens adultos formarem uma relação longa e estável. Casos como a gravidez não planeada, a revitimação sexual, atos auto – destrutivos e comportamentos coercivos têm vindo a ser observados em amostras de vítimas. No entanto, tem passado despercebido consequências mais subtis do abuso na infância no ajuste do casal que surgem quando os parceiros estão empenhados em uniões formais, especialmente nos homens. O estudo demonstrou que, nos homens, experienciar violência física e psicológica na infância está

diretamente relacionado com o sofrimento psicológico, que por sua vez tem impacto no ajuste diádico do casal. Este tipo de efeitos, neste estudo em específico, não foi evidente nas mulheres. Esta diferença pode ser explicada pela elevada frequência, registada pelos autores, de abuso físico nos homens durante a infância. Não fica então provado que esta situação pode ser explicada pela diferença de género.

O abuso sexual na infância é a forma de abuso que tem recebido maior atenção por parte dos investigadores. De acordo com Paradis e Boucher (2010), vítimas de abuso sexual na infância apresentam uma grande variedade de dificuldades na capacidade de estabelecer e manter uma relação íntima estável e satisfatória. De acordo com as investigadoras, os estudos tem provado que existe uma associação entre um historial de abuso sexual e baixa satisfação nas relações íntimas, elevados sintomas de disfunção sexual, baixo nível de confiança nos parceiros e um nível fraco de comunicação entre o casal. As vítimas de abuso sexual estão mais propensas do que as não vítimas a experienciar elevados níveis de violência na intimidade.

Continuando na direção destas investigadoras, as crianças vítimas de abuso físico e psicológico são apresentadas como estando predispostas tanto à vitimização como à perpetração de abuso íntimo entre parceiros em adultos, independentemente do género (Paradis & Boucher, 2010).

Novamente a maior limitação dos estudos existentes sobre o tema é que a maioria foram conduzidos apenas com vítimas femininas. E os poucos estudos que utilizaram uma amostra masculina apresentam, frequentemente, resultados díspares e inconclusivos, ficando ainda por clarificar se e como os homens e as mulheres com historial de maus tratos na infância diferem na sua capacidade de manter uma relação íntima saudável (Paradis & Boucher, 2010)

No estudo realizado por Paradis e Boucher (2010) no qual a amostra consistia em 320 rapazes e 1408 raparigas, estudantes universitários, 22% dos inquiridos referiram ter sofrido pelo menos um episódio traumático na infância e 8,2% referiram ter sofrido dois ou mais episódios traumáticos durante a infância. Consistente com outros estudos, as mulheres reportaram uma maior prevalência de abuso sexual, enquanto que os homens referiram mais abuso físico na infância.

Os resultados indicam que homens e mulheres vítimas de abuso físico e psicológico e de negligência mostram, de uma forma geral, mais dificuldades interpessoais nas suas relações íntimas do que aqueles que não sofreram nenhum tipo de abuso (Paradis & Boucher, 2010).

Este estudo conclui-o ainda que, independentemente, do historial de abuso, os homens pareçam revelar maiores problemas interpessoais com a companheira do que o contrário. Os resultados obtidos demonstram também que uma infância de maus tratos contribui para problemas interpessoais com o parceiro, mais no caso dos homens do que das mulheres. Estes resultados contrastam com estudos anteriores que não conseguiram confirmar diferenças de género. Aliás este estudo demonstra exatamente o contrário de estudos anteriores, onde foi constatado que as mulheres vítimas de negligência e abuso na infância são mais vulneráveis a uma relação disfuncional do que os homens. (Paradis & Boucher, 2010)

De acordo com Roberts, McLaughlin, Conron e Koenen (2011), a resposta intensa às situações de *stress* é um potencial mecanismo de ligação entre as experiências de adversidade na infância e a perpetração de violência na intimidade, pois as experiências adversas na infância têm vindo a ser relacionadas com um aumento de reações negativas a situações *stressantes* do dia-a-dia e estas reações permanecem até à idade adulta. O estudo realizado por Robert e colaboradores (2011) demonstra que a associação entre acontecimentos *stressantes* recentes e a perpetração de violência na intimidade é mais evidente entre indivíduos com elevados níveis de experiências adversas na infância.

ESTUDO EMPÍRICO

1. Objetivos do estudo

Os objetivos para este trabalho de investigação centram-se no estudo da violência íntima entre jovens adultos, na associação entre esta violência e as experiências adversas na infância, assim como na análise da influência da qualidade da relação de vinculação romântica na violência íntima e das experiências adversas na qualidade da relação de vinculação.

Nos últimos anos os estudos em torno deste tema têm aumentado, mas não existe ainda um consenso entre investigadores em relação às causas deste fenómeno, o que dificulta a interpretação dos resultados. Atualmente, um grande número de estudos efetuados centra-se na população jovem ou no início da idade adulta (*e.g.* Rapoza & Baker, 2008; Paradis & Boucher, 2010; Riggs *et al.*, 2011; Paiva & Figueiredo, 2004; Gormley & Lopez, 2010; McDermott & Lopez, 2013), o presente estudo não é exceção.

2. Hipóteses

H1) Espera-se que níveis superiores de experiências adversas precoces estejam associados a níveis superiores de comportamentos violentos na relação íntima.

H2) Espera-se que níveis superiores de experiências adversas precoces estejam associados a uma menor segurança na vinculação romântica.

H3) Espera-se que níveis inferiores de segurança na vinculação romântica estejam associados a níveis superiores de comportamentos violentos.

3. Método

3.1. Participantes

A amostra é constituída por 551 jovens dos quais 95,5% ($n = 526$) são estudantes e 4,5% ($n = 25$) não se encontram a estudar. Dos inquiridos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 21$; $DP = 2.31$), a maioria são mulheres, 62,6% ($n = 345$) do sexo feminino e 36,3% ($n = 200$) do sexo masculino. A amostra foi recolhida em três instituições de ensino superior Universidade Lusófona do Porto 30,7% ($n = 169$), Instituto Politécnico de Viseu 39,4% ($n = 217$) e Universidade Católica de Viseu 10,7% ($n = 59$). Utilizamos também o método efeito bola de neve que corresponde a 9,4% ($n = 52$) dos inquiridos e 9,8% ($n = 54$) responderam ao protocolo *online*.

A maioria dos participantes vive com os pais e/ou familiares próximos (irmãos, avós) 65% ($n = 358$), no entanto existem outros formatos de agregado familiar em que, 3,1% ($n = 17$) vivem apenas com a mãe; 4,7% ($n = 26$) vivem com mãe, irmãos e/ou avós; 3,1% ($n = 17$) vivem sozinhos e 1,8% ($n = 10$) vivem com outros familiares. Na maioria dos casos os pais dos jovens inquiridos são casados 79,7% ($n = 439$), 10,2% ($n = 56$) são divorciados e 2,9% ($n = 16$) são viúvos. Relativamente à escolaridade dos pais, 0,7% ($n = 4$) das mães e 0,5% ($n = 3$) dos pais não sabem ler nem escrever; 16,3% ($n = 90$) das mães e 21,6% ($n = 119$) dos pais frequentaram o primeiro ciclo; 19,1% ($n = 105$) das mães e 16,7% ($n = 92$) dos pais frequentaram o segundo ciclo; 24,7% ($n = 136$) das mães e 22,3% ($n = 123$) dos pais frequentaram o terceiro ciclo; 22,5% ($n = 124$) das mães e 23,2% ($n = 128$) dos pais frequentaram o ensino secundário; 1,8% ($n = 10$) das mães e 1,5% ($n = 8$) dos pais frequentaram o ensino superior; 1,5% ($n = 8$) das mães e 1,8% ($n = 10$) dos pais têm o bacharelato; 8,3% ($n = 46$) das mães e 7,4% ($n = 41$) dos pais são licenciados; 3,8% ($n = 21$) das mães e 1,6% ($n = 9$) dos pais têm o mestrado; finalmente 1,1% ($n = 6$) das mães e 0,9% ($n = 5$) dos pais têm o doutoramento.

Na maior parte dos casos os estudantes desta amostra não são deslocados 53,7% ($n = 296$). No que diz respeito aos estudantes deslocados 40,5% ($n = 223$), a maioria regressa a casa aos fins-de-semana 29% ($n = 160$), 6,9% ($n = 38$) vão a casa uma a duas vezes por semana, enquanto que 2,9% ($n = 16$) voltam a casa nas férias e Apenas 1,3% ($n = 7$) regressam nas férias do verão. Todos os participantes incluídos nesta amostra têm ou já tiveram uma relação amorosa, destes 63,2% ($n = 348$) estão atualmente numa relação amorosa e, 36,8% ($n = 203$) não estão numa relação mas já estiveram.

3.2. Procedimento

Tendo em conta o código deontológico e ético, foi requerido aos autores das adaptações dos instrumentos a autorização para a utilização dos mesmos, para efeitos de investigação.

A recolha de dados teve início com o pedido de autorização de recolha de informação junto das instituições de Ensino Superior: Universidade Lusófona do Porto, Universidade Católica de Viseu e o Instituto Politécnico de Viseu. Foram também elaborados e distribuídos consentimentos informados para todos os participantes deste estudo. Estes consentimentos foram também entregues na administração das instituições, consentimentos que explicavam os objetivos do estudo, o carácter voluntário da participação no mesmo e a total confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos e tratados.

A recolha em contexto de sala de aula realizou-se durante os meses de Abril e Maio de 2013. O processo utilizado para seleção da amostra foi o de amostragem por conveniência, uma vez que utilizamos turmas de estudantes universitários (Coutinho, 2011). Os questionários foram também entregues a indivíduos conhecidos dos investigadores, e a alguns estudantes da Universidade Lusófona do Porto que participaram na recolha de dados. De maneira a garantir total confidencialidade e anonimato, os protocolos foram entregues em conjunto com um envelope para que posteriormente os sujeitos pudessem entregar o protocolo preenchido dentro do envelope selado.

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi elaborado no âmbito deste projeto. Pretendia-se obter informações sobre a idade, o sexo e o estado civil do participante assim como o estado civil dos pais ou cuidadores, o agregado familiar do participante, se é estudante, que ano frequenta, se é estudante deslocado, a localidade de origem e onde reside atualmente, a etnia, a escolaridade da mãe e a escolaridade do pai, a situação profissional dos progenitores e se o participante é trabalhador estudante.

3.3.2. Inventário De Conflitos Nas Relações De Namoro Entre Adolescentes (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley, & Straatman, 2001)

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro Entre Adolescentes é uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI)* instrumento validado e desenvolvido por David Wolfe e pelos seus colaboradores em 2001 (Saavedra, 2010). Utilizámos neste estudo a versão portuguesa adaptada Saavedra, Machado, Martins e Vieira, 2008, (versão para investigação).

Este instrumento consiste num questionário de auto - relato e o seu objetivo é avaliar o recurso a estratégias de resolução de conflitos positivas ou abusivas nos relacionamentos amorosos. O instrumento é constituído por 35 itens, e cada um desses itens permite-nos estabelecer a distinção entre o comportamento do inquirido e o comportamento do parceiro.

Este questionário está direcionado para jovens com idade igual ou superior a 14 anos, que estejam ou que estiveram envolvidos numa relação amorosa e neste caso foi alvo de pequenas adaptações semânticas para a população de jovens adultos.

Através da aplicação deste instrumento, é possível analisar diversos tipos de abuso, como é o caso da violência emocional, a violência física, a coerção sexual e o comportamento ameaçador.

É possível avaliar os diferentes tipos de violência através de cinco subescalas: coerção sexual (itens 2; 13; 15; e 19); ameaças (itens 5; 29; 31; e 33); violência relacional (itens 3; 20; e 35); violência verbal-emocional (itens 4; 7; 9; 12; 17; 21; 23; 24; 28; e 32); e violência física (itens 8; 25; 30; e 34).

A cotação dos itens do instrumento varia de 1 a 6 numa escala tipo *likert*, de acordo com a ocorrência e frequência, em que “nunca” é cotado com “1” e “Quase sempre” é cotada com “6”.

Relativamente à consistência interna do instrumento, para a análise deste estudo, foram utilizados apenas os participantes que estão ou estiveram numa relação amorosa, 551 participantes. O questionário revelou, no geral, uma consistência interna satisfatória: subescala abuso sexual (0.62), subescala comportamento ameaçador (0.72),

subescala violência relacional (0.88), subescala violência verbal e emocional (0.82), subescala violência física (0.71).

3.3.3. Questionário De Vinculação Amorosa (QVA, Matos, Barbosa, & Costa, 1998)

A versão utilizada neste estudo é a versão adaptada por Matos, Cabral, & Costa, 2008. Este instrumento consiste num questionário de auto - relato desenvolvido para a população portuguesa (Barbosa, Matos & Costa, 1998, 1999, 2001, 2011) e o objetivo é avaliar a vinculação para com o par amoroso. O instrumento é constituído por 30 itens que avaliam a relação do inquirido com o par amoroso, numa escala tipo *likert* que varia do um aos seis pontos, em que um é “discordo totalmente” e seis “concordo totalmente”. O questionário avalia quatro dimensões: Confiança na acessibilidade da figura de vinculação; Dependência ou, necessidade (imperativa) de proximidade emocional e física e medo de perda; Evitamento e Ambivalência (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

Relativamente à consistência interna do instrumento, o questionário revelou, no geral, uma consistência interna muito satisfatória: subescala Confiança (0.85), subescala Dependência (0.85), subescala Evitamento (0.86) e subescala Ambivalência (0.90).

3.3.4. Questionário De Historia Na Infância (ACE, Felitti & Anda, 1998)

O Questionário de História na Infância é uma adaptação do *Adverse Childhood Experiences* (ACE) desenvolvido e validado, em 1998, por Vincent Felitti e Robert Anda em conjunto com outros colegas investigadores. A versão utilizada neste estudo é a adaptação de Pinto e Maia, (2013). Este é um questionário de auto - relato sobre experiências adversas na infância e, está dividido em oito tipos de experiências adversas: exposição à violência doméstica; abuso físico, psicológico ou sexual; negligência física; negligência emocional; Viver com membros da família com historial de abuso e consumo de substâncias ou que já estiveram presos; viver com familiares com doença mental ou com ideação suicida (Felitti, Anda, Nordenberg, Williamson,

Spitz, Edwards, Koss, & Marks, 1998). O questionário é constituído por 38 itens, está dividido em perguntas de resposta “sim” e “não” e numa escala tipo *likert* em que a possibilidade de resposta vai desde o “Nunca” até “Muitíssimas vezes”.

No que diz respeito à consistência interna, o instrumento revelou, no geral, uma consistência interna excelente na maioria das subescalas, com a exceção das subescalas abuso emocional (0.39) e doença mental ou suicídio (0.40). As restantes subescalas: abuso Físico (0.81), coerção sexual (0.99), negligência emocional (0.88), negligência física (0.91) e exposição á violência (0.99).

4. Resultados

Os dados recolhidos para a realização deste estudo, foram tratados estatisticamente, recorrendo ao programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 2.0 para *Windows*.

Devido ao fato de nem todas as variáveis utilizadas revelarem uma distribuição normal, utilizou-se para fins estatísticos a correlação de *Spearman* (r_s). Esta é uma alternativa não paramétrica quando não se preenche o pressuposto da normalidade (Field, 2009)

Associação entre experiências adversas precoces e comportamentos violentos

Esta questão pretende analisar se existe uma associação entre níveis superiores de experiências adversas precoces e níveis superiores de comportamentos violentos.

Verificou-se uma correlação positiva entre doença mental ou suicídio na família e níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .11$, $p = .021$; Esta dimensão não está correlacionada com mais nenhum tipo de comportamento violento.

Relativamente à exposição à violência verificou-se uma correlação positiva com níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .20$, $p = .000$; com níveis superiores de comportamento ameaçador, $r_s = .20$, $p = .000$; com níveis superiores de

violência física, $r_s = .19, p = .000$ e com níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .13, p = .009$.

No que diz respeito à negligência emocional, verificou-se uma correlação positiva com níveis superiores de violência emocional e verbal, $r_s = .14, p = .004$; com níveis superiores de violência relacional, $r_s = .10, p = .040$; com níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .13, p = .007$ e com níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .09, p = .046$.

Relativamente à negligência física, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .15, p = .004$ e com níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .15, p = .004$.

Relativamente ao abuso emocional verificou-se uma correlação positiva com níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .23, p = .000$; níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .15, p = .002$; níveis superiores de violência física, $r_s = .13, p = .009$ e com níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .09, p = .045$.

Em relação ao abuso físico, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .20, p = .000$; com níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .13, p = .007$; com níveis superiores de violência física, $r_s = .18, p = .001$ e com níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .13, p = .010$.

Relativamente ao abuso sexual, não foram encontradas correlações positivas com nenhum dos tipos de abuso que o instrumento avalia. Existe apenas uma correlação marginalmente significativa entre o abuso sexual e níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .084, p = .065$.

Associação entre experiências adversas precoces e vinculação romântica

Associação Experiências Adversas Precoces e confiança

Pretende-se verificar se existe uma correlação entre níveis superiores experiências adversas precoces e níveis superiores de confiança, ambivalência, evitamento e dependência no relacionamento. Verificou-se uma correlação negativa entre a dimensão confiança e todas as formas de experiências adversas abordadas pelo instrumento utilizado. Desta forma a dimensão confiança está então negativamente correlacionada com a doença mental ou suicídio na família, $r_s = -.11, p = .006$; a exposição à violência, $r_s = -.19, p = .000$; a negligência emocional, $r_s = -.29, p = .000$; a negligência física, $r_s = -.22, p = .000$; abuso emocional, $r_s = -.22, p = .000$; abuso físico, $r_s = -.24, p = .000$ e com o abuso sexual, $r_s = -.09, p = .018$.

Associação entre Experiências Adversas Precoces e Evitamento

Verificou-se que níveis superiores de abuso físico estão correlacionados com níveis superiores de evitamento no relacionamento, $r_s = .22, p = .000$. Assim como níveis superiores de abuso sexual estão associados a níveis superiores de evitamento, $r_s = .13, p = .001$. Constatou-se que níveis superiores de negligência emocional estão correlacionados com níveis superiores de evitamento, $r_s = .19, p = .000$, com níveis superiores de exposição à violência, níveis superiores de negligência física e níveis superiores de abuso emocional, $r_s = .13, p = .001$, $r_s = .17, p = .000$, $r_s = .22, p = .000$, respetivamente. Não se verificou uma correlação significativa entre doença mental e suicídio na família e a dimensão evitamento.

Associação entre Experiências Adversas Precoces e dependência.

No que diz respeito à dimensão dependência, verificou-se uma correlação positiva com o abuso sexual, $r_s = .07, p = .041$. Embora apenas com significância marginal, verificou-se uma correlação entre a dimensão dependência e a negligência emocional, $r_s = .06, p = .097$. Não se verificou mais nenhuma correlação significativa.

Associação Experiências Adversas Precoces e ambivalência.

Relativamente à dimensão ambivalência, Verificou-se a existência de correlações positivas com todas as formas de experiências adversas avaliadas pelo instrumento. Exposição à violência, $r_s = .19, p = .000$; negligência emocional, $r_s = .20, p = .000$; negligência física, $r_s = .17, p = .000$; abuso emocional, $r_s = .27, p = .000$; abuso físico, $r_s = .26, p = .000$, abuso sexual, $r_s = .09, p = .015$ e doença mental ou suicídio na família, $r_s = .16, p = .000$.

Associação entre vinculação romântica e comportamentos violentos

Associação entre Ambivalência e Comportamentos Violentos

A primeira questão pretende verificar se existe uma associação entre a vinculação romântica e níveis superiores de comportamentos violentos no relacionamento. Verificou-se uma correlação positiva entre níveis superiores de ambivalência e o abuso físico na relação íntima, $r_s = .27, p = .000$. Quanto aos níveis superiores de ambivalência e níveis superiores de violência verbal ou emocional também se verificou que estão associados $r_s = .40, p = .000$. Constatou-se também que níveis superiores de ambivalência estão associados a níveis superiores de violência relacional, $r_s = .22, p = .000$. Assim como estão correlacionados com níveis superiores de coerção sexual no relacionamento, $r_s = .16, p = .002$. Para finalizar, verificou-se que, níveis superiores de ambivalência estão associados a níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .27, p = .000$.

Associação entre Evitamento e Comportamentos Violentos

Verificou-se que níveis superiores de evitamento estão associados a níveis superiores de violência física, $r_s = .18, p = .000$; constatou-se ainda que níveis superiores de evitamento estão correlacionados com níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .20, p = .000$. Em relação à correlação entre evitamento e coerção sexual, verificou-se uma correlação positiva, $r_s = .11, p = .026$. Identificou-se ainda uma correlação positiva entre níveis superiores de evitamento e níveis superiores de violência relacional, $r_s = .21, p = .000$ e uma correlação positiva com níveis superiores de comportamentos ameaçadores, $r_s = .16, p = .002$.

Associação entre Dependência e Comportamentos Violentos

Não se verificou correlação significativa entre níveis superiores de dependência e o aumento de comportamentos violentos, com a exceção de uma correlação positiva entre níveis superiores de dependência e níveis superiores de coerção sexual, $r_s = .10$, $p = .030$ e uma correlação marginalmente significativa, entre a dimensão dependência e níveis superiores de violência verbal e emocional, $r_s = .08$, $p = .071$.

Associação entre Confiança e Comportamentos Violentos

Constatou-se, como era esperado, que níveis de confiança na vinculação amorosa estão negativamente correlacionados com comportamentos violentos. Verificamos que níveis superiores de confiança estão negativamente correlacionados com violência física, $r_s = -.21$, $p = .000$; com a violência verbal e emocional, $r_s = -.30$, $p = .000$, com coerção sexual, $r_s = -.18$, $p = .001$; violência relacional, $r_s = -.19$, $p = .000$ e com comportamento ameaçador, $r = -.25$, $p = .000$.

5. Discussão dos Resultados

Este estudo procurou analisar a existência de uma associação entre as experiências adversas na infância e os comportamentos violentos na relação de intimidade. De uma forma geral, segundo Riggs e colaboradores (2011), os maus tratos na infância têm sido associados a relações íntimas instáveis na idade adulta, a problemas na esfera íntima do casal, por exemplo em relação à sexualidade, à resolução de conflitos, e também à violência íntima entre parceiros.

Os resultados deste estudo sugerem que indivíduos expostos à violência durante a infância tendem a adotar níveis superiores de violência verbal/emocional e física, bem como de comportamentos ameaçadores e de coerção sexual.

Analisando agora a associação entre as experiências adversas precoces e a perpetração de VRI com maior detalhe, relativamente à negligência emocional, verificou-se uma associação positiva com níveis superiores de violência verbal/emocional, violência relacional, comportamentos ameaçadores e coerção sexual. Identificou-se ainda uma associação positiva entre o abuso emocional e níveis superiores de violência verbal e emocional, níveis superiores de comportamentos ameaçadores, níveis superiores de violência física e coerção sexual. Quanto à negligência física, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de comportamentos ameaçadores e com níveis superiores de coerção sexual. Em relação ao abuso físico, foram encontradas correlações positivas com níveis superiores de violência verbal e emocional, comportamentos ameaçadores, violência física e coerção sexual. Estes dados vão de encontro aos resultados do estudo de Paradis e Boucher (2010) e Riggs e colaboradores (2011) que referem que crianças vítimas de abuso físico e psicológico estão mais predispostas tanto à vitimação como à perpetração de abuso íntimo nas relações íntimas enquanto adultos.

No que se refere ao abuso sexual, não foram encontradas associações significativas com nenhum dos tipos de experiências adversas avaliadas. Identificou-se apenas uma associação marginalmente significativa entre o abuso sexual e níveis superiores de violência verbal e emocional. Estes resultados são interessantes, na medida em que segundo Paradis e Boucher (2010), vítimas de abuso sexual na infância apresentam grandes dificuldades na capacidade de estabelecer e manter uma relação íntima estável e satisfatória. As autoras referem que vítimas de abuso sexual na infância,

estão mais propensas do que não vítimas a experienciar elevados níveis de violência na intimidade. Convém no entanto notar que, na amostra em questão, são escassos os casos de sujeitos que relatam experiências de abuso sexual na infância, o que exige cautela na interpretação destes resultados e, por outro lado, poderá explicar que as correlações apenas se revelem marginalmente significativas.

Finalmente no que concerne à existência na infância de um familiar com doença mental e/ou que tentou cometer suicídio, a única associação encontrada foi com níveis superiores de violência verbal e emocional. Nos artigos revistos no presente estudo, esta dimensão não é focada especificamente, ou seja, os estudos analisados ou abordam outros tipos de experiências adversas na infância ou então referem-se a estas adversidades de forma geral. Podemos concluir, em relação a esta amostra, que o facto de na infância a criança conviver com um familiar que padece de doença mental ou que já tentou o suicídio, não é entre as experiências a que mais influência exerce sobre os comportamentos violentos.

Outra das hipóteses que se testou neste estudo foi a existência de correlações entre os níveis superiores de experiências adversas na infância e uma menor segurança na vinculação romântica. Verificou-se que sujeitos que experienciaram níveis superiores de abuso físico, de abuso emocional e de abuso sexual assim como elevados níveis de negligência emocional, negligência física e exposição à violência experienciam maior evitamento e ambivalência no que diz respeito às relações românticas de vinculação. Considerando que, nesta amostra, na quase totalidade dos casos as experiências adversas acontecem com os prestadores de cuidados primários, poderá considerar-se que, devido às experiências negativas com a figura de vinculação ou prestadora de cuidados, os indivíduos com experiências adversas tendam a perceber os outros como indisponíveis e não confiáveis.

Relativamente aos indivíduos que apresentam níveis elevados de dependência na relação de vinculação romântica, verificou-se uma associação a experiências precoces de abuso sexual e uma associação marginalmente significativa com a negligência emocional. Finalmente, em relação à dimensão confiança, identificaram-se correlações negativas com todas as formas de experiências adversas analisadas. Estes resultados eram esperados, uma vez que é de esperar que indivíduos que experienciam elevados níveis de conforto com a intimidade, tenham histórias de vinculação e prestação de

cuidados securizantes e experiências não rejeitantes, de abuso ou negligência com a figura prestadora de cuidados.

A última hipótese testada neste estudo foi a possível relação entre níveis inferiores de segurança na vinculação romântica e níveis superiores de comportamentos violentos. No caso dos sujeitos que demonstram níveis superiores de ambivalência, estes encontram-se associados com todos os comportamentos violentos analisados. Segundo Bartholomew e colaboradores (2001), estes indivíduos acreditam que os outros não estão disponíveis e que não são capazes de cuidar deles. Vivem num paradoxo pois ao mesmo tempo que desejam a aceitação dos outros, evitam a intimidade devido ao medo de serem rejeitados. É esperado que estes sujeitos tenham maiores dificuldades na gestão de conflitos numa relação de intimidade, devido à visão negativa que têm de si mesmos, e à grande ansiedade que demonstram face ao abandono ou separação. Estudos revelam também que devido aos elevados níveis de ansiedade em relação à rejeição e ao abandono e à tendência para *encobrir* os seus sentimentos, estes sujeitos poderão experienciar maior frustração no que diz respeito às necessidades de vinculação e desta forma incrementar os níveis de frustração e de raiva que podem levar a atos abusivos na intimidade (Bartholomew *et al.*, 2001).

Em relação aos indivíduos que apresentam uma vinculação evitante, devido à imagem de independência e auto - suficiência que têm de si mesmos e à representação negativa que tem dos outros, estes evitam relações de proximidade e intimidade. No que diz respeito à perpetração de atos violentos e abusivos, alguns estudos sugerem que os sujeitos evitantes são mais propensos a abandonarem uma relação insatisfatória do que a discutirem ou abusarem do parceiro/a. No entanto os resultados deste estudo demonstram uma correlação positiva entre o evitamento e todas as formas de abuso na relação de intimidade que foram analisadas.

Relativamente aos indivíduos que experienciam elevada dependência, a excessiva dependência dos outros e a necessidade constante de aprovação que caracteriza estes sujeitos, pode leva-los a permanecer na relação abusiva (Bartholomew *et al.*, 2001). Em relação à perpetração de violência nas relações íntimas devido aos níveis de ansiedade provocados pelo medo de abandono e rejeição, espera-se que estes indivíduos tendam a experimentar níveis elevados de afeto negativo, que incluem a raiva, o que torna estes sujeitos possíveis abusadores (Bartholomew *et al.*, 2001). No

entanto neste estudo apenas identificamos uma correlação positiva entre dependência e a coerção sexual e uma correlação marginalmente significativa com a violência verbal/emocional.

Como era esperado, relativamente aos indivíduos *confiantes*, foram encontradas associações negativas com todos os tipos de abuso íntimo estudados. Estes resultados eram esperados pois um indivíduo com elevados níveis de confiança na relação com o par romântico e/ou com um padrão de vinculação seguro tem uma visão positiva de si mesmo e do outro, tem elevada capacidade para estabelecer e manter laços íntimos com os outros, sem perder a noção da importância da sua individualidade (Henderson *et al.*, 2005). Neste sentido, um indivíduo com estas características está menos propenso a perpetrar comportamentos violentos e de abuso contra o parceiro amoroso assim como está também menos propenso a aceitar sofrer este tipo de comportamentos (Bartholomew *et al.*, 2001).

O que a evidência empírica tem vindo a demonstrar, e este estudo não é exceção, é que a qualidade da vinculação influencia a interação do casal, e o padrão de vinculação aliado a outros fatores, como as experiências adversas precoces, pode ser um fator de risco tanto na perpetração como na vitimação nas relações abusivas (Riggs *et al.*, 2011; Henderson *et al.*, 2005; Orcutt, Garcia & Pickett, 2005; Paiva & Figueiredo, 2003; Bartholomew *et al.*, 2001)

CONCLUSÃO

O presente estudo pretendeu avaliar a relação entre as experiências adversas precoces, a qualidade da vinculação romântica e as experiências de perpetração de violência na intimidade em casais de jovens adultos. Nos primeiros capítulos realizou-se um enquadramento conceptual de forma a desenvolver uma fundamentação teórica e empírica capaz de sustentar os posteriores objetivos e hipóteses. No referido enquadramento, foi abordado sucintamente o fenómeno da violência na intimidade dos jovens, a prevalência do fenómeno e os resultados de alguns estudos nacionais. Abordou-se sucintamente as implicações da violência íntima na saúde física e psicológica, assim como se descreveu alguns modelos teóricos que pretendem explicar a violência nas relações de intimidade e os fatores de risco para a perpetração. Foi também elaborada uma revisão bibliográfica sobre a relação da vinculação e das experiências adversas precoces com a violência na intimidade.

Os resultados deste estudo revelam contribuições interessantes para as futuras investigações sobre o fenómeno da violência entre jovens adultos. Por exemplo, relativamente aos indivíduos que experienciam níveis elevados de dependência, era esperado que a experiência de dependência e ansiedade na vinculação estivesse positivamente associada a níveis superiores de experiências adversas na infância e, consequentemente, a níveis superiores de comportamentos violentos e agressivos nas relações de intimidade (Riggs *et al.*, 2011; Paradis & Boucher, 2010). Era esperado também que os sujeitos que sofreram de abuso sexual na infância revelassem maiores dificuldades em manter uma relação estável e equilibrada, assim como se esperava que estes sujeitos estivessem mais predispostos a uma maior perpetração de abuso nas relações de intimidade. Na maior parte dos casos não se confirmaram, contudo, associações entre as experiências adversas precoces e a dependência na relação romântica e entre dependência e perpetração de violência. As exceções foram, uma associação positiva entre as experiências precoces de abuso sexual e negligência emocional (neste caso apenas marginalmente significativa) e dependência. E entre dependência, a coerção sexual e violência emocional e verbal (neste caso apenas marginalmente significativa) na relação de intimidade. Seria pertinente investigar em maior profundidade o porquê destes resultados inesperados. Porém é provável que o fato de ter experienciado dependência tenha conduzido ao evitamento de conflitos,

prevenindo assim o abandono. Relativamente à falta de associações entre experiências adversas e dependência, devido ao fato dos sujeitos que experienciam elevada dependência e ansiedade de separação (preocupados) tenderem a idealizar a figura de vinculação e a culpabilizarem-se pelas experiências negativas, os relatos de adversidade podem estar comprometidos.

No entanto, neste estudo constatou-se uma associação entre indivíduos com maiores níveis de evitamento e ambivalência e comportamentos violentos. Assim como se identificou uma correlação negativa entre indivíduos com níveis elevados de confiança e os comportamentos violentos. Relativamente às experiências adversas e à qualidade da vinculação, apurou-se uma correlação entre todos os tipos de experiências adversas analisados e os indivíduos com níveis elevados de ambivalência e evitamento. Quanto às experiências adversas precoces e aos comportamentos violentos identificou-se uma associação entre a exposição à violência, a negligência emocional, o abuso emocional e o abuso físico, e níveis superiores de comportamentos violentos.

Algumas das limitações deste estudo, prendem-se com a natureza dos instrumentos e da amostra utilizados. Estas especificidades poderão ter algum *peso* nestes resultados. A amostra utilizada é uma amostra normativa e revela baixos níveis quer de experiências adversas quer de violência, que do ponto de vista estatístico poderá comprometer a *sensibilidade* para a deteção de algumas associações. O fato de apenas ter sido avaliada a perspetiva de um dos membros do casal, mesmo que no instrumento de avaliação da violência íntima seja pedido ao sujeito que responda também relativamente ao comportamento do parceiro, é uma das limitações deste estudo, assim como a extensão do protocolo, que levou a que alguns dos participantes não respondessem a todas as questões apresentadas pelos instrumentos. Este foi um estudo transversal, no qual uma das maiores desvantagens constatadas foi a impossibilidade de realizar um seguimento dos sujeitos de maneira a acompanhar o desenvolvimento dos relacionamentos amorosos e as suas dinâmicas.

A nível de intervenção, com esta amostra, seria interessante sinalizar quais os casais que necessitam de apoio, e investir na intervenção com os dois membros do casal de maneira a identificar os comportamentos que levam ao abuso e desta forma terminar com estes comportamentos. Tendo em conta a informação aqui recolhida, é visível um aumento da violência entre os jovens casais, sendo assim, torna-se imprescindível a

realização de ações de sensibilização que exponham estes problemas e alertam os jovens para a gravidade deste fenómeno.

Seria interessante voltar a estudar esta amostra e talvez incluir o parceiro amoroso, para assim entender melhor as dinâmicas relacionais. Para além disso, esta temática também poderia ser explorada com recurso a um estudo longitudinal, no qual seria possível seguir a mesma amostra e realizar avaliações em mais do que um momento ao longo do tempo, permitindo verificar com mais viabilidade, quais são os fatores que levam os jovens a manter relacionamentos abusivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2006). Relatório de actividades do projecto IUNO II – Sensibilização e informação sobre violência doméstica e sexual.
- Bartholomew, K., Henderson, A. J. Z., and Dutton, D. G. (2001). Insecure attachment and abusive intimate relationships. In Clulow, C. (Eds.), *Adult Attachment and Couple Work: Applying the 'Secure Base' Concept in Research and Practise* (pp. 43–61). Routledge, Londres.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S. M. M. (2009). *Violência nas relações de intimidade: Comportamentos e atitudes dos jovens* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade do Minho.
- Costa, I. R & Sani, A. I. (no prelo). O Abuso e as Crenças sobre a Violência nas Relações Amorosas de Estudantes Universitários. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, 8.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Feeney, J. A. (2008). Adult Romantic Attachment: Developments in the Study of Couple Relationships. In Cassidy, J. & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp.456-481). New York: Guilford Press.
- Felitti, M. D., Vincent, J., Anda, M. D., Robert, F., Nordenberg, M. D., Williamson, M. S., ... & James, S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults: The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 245-258.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª Ed.). London: Sage Publications.

- Gelles, R. J., & Straus, M. A. (1979). Determinants of violence in the family: Toward a theoretical integration.
- Glass, N., Fredland, N., Jacquelyn, C., Michael, Y., Phyllis, S., Joan, K. (2003). Adolescent dating violence: prevalence, risk factors, health outcomes, and implications for clinical practice. *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.
- Godbout, N., Lussier, Y., & Sabourin, S. (2006). Early abuse experiences and subsequent gender differences in couple adjustment. *Violence and Victims*, 21(6), 744-760.
- Gormley, B., & Lopez, F. G. (2010). Correlates of psychological abuse perpetration in college dating relationships. *Journal of College Counseling*, 13(1), 4-16.
- Gormley, B., & Lopez, F. G. (2010). Psychological abuse perpetration in college dating relationships contributions of gender, stress, and adult attachment orientations. *Journal of interpersonal violence*, 25(2), 204-218. doi:10.1177/0886260509334404
- Henderson, A. J., Bartholomew, K., Trinke, S. J., & Kwong, M. J. (2005). When loving means hurting: An exploration of attachment and intimate abuse in a community sample. *Journal of Family Violence*, 20(4), 219-230. doi: 10.1007/s10896-005-5985-y
- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher* (Tese de Doutorado não publicada). Universidade do Minho.
- Matos, P. M., Barbosa, S. Ó. N. I. A., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11(1), 93-109.
- Maia, Â., Guimarães, C., Carvalho, C., Capitão, L., Carvalho, S., & Capela, S. (2007). Maus-tratos na infância, psicopatologia e satisfação com a vida: um estudo com jovens portugueses.
- McDermott, R. C., & Lopez, F. G. (2013). College men's intimate partner violence attitudes: Contributions of adult attachment and gender role stress. *Journal of counseling psychology*, 60(1), 127. doi: 10.1037/a0030353
- Mendes, F. (2006). Percursos da violência: Da família de origem à conjugalidade. Um estudo com jovens adultos a frequentarem o ensino superior. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia do

Comportamento Desviante. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. (pp. 1061-1074). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED).
- Orcutt, H. K., Garcia, M., & Pickett, S. M. (2005). Female-perpetrated intimate partner violence and romantic attachment style in a college student sample. *Violence and victims*, 20(3), 287-302
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses. *International journal of clinical and health psychology*, 5(2), 243-272.
- Paradis, A., & Boucher, S. (2010). Child maltreatment history and interpersonal problems in adult couple relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(2), 138-158. doi: 10.1080/10926770903539433
- Pereira, A. P. S. S. (2013). *Dinâmicas de violência no casal* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade do Minho.
- Rapoza, K. A. (2002). *Attachment theory as it relates to childhood abuse, and conflict resolution in dating couples* (Dissertation). Available from ProQuest Dissertations and Theses database. (UMI No. 3043322)
- Rodrigues, N. (2007). Vitimização sexual nas relações com os pares em mulheres adolescentes e jovens: prevalência e crenças relacionadas com a vitimação. Programa Operacional de Emprego, Formação e Desenvolvimento Social. Delegação Regional do Alentejo: Associação para o Planeamento da Família.
- Rogers, W. S., Bidwell, J., & Wilson, L. (2005). Perception of and satisfaction with relationship power, sex, and attachment styles: A couples level analysis. *Journal of family violence*, 20(4), 241-251. doi: 10.1007/s10896-005-5988-8

- Rapoza, K. A., & Baker, A. T. (2008). Attachment styles, alcohol, and childhood experiences of abuse: An analysis of physical violence in dating couples. *Violence and victims, 23*(1), 52-65.
- Roberts, A. L., McLaughlin, K. A., Conron, K. J., & Koenen, K. C. (2011). Adulthood stressors, history of childhood adversity, and risk of perpetration of intimate partner violence. *American journal of preventive medicine, 40*(2), 128-138. doi:10.1016/j.amepre.2010.10.016.
- Riggs, S. A., Cusimano, A. M., & Benson, K. M. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment of dating couples. *Journal of counseling psychology, 58*(1), 126. doi: 10.1037/a0021319
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. L. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological assessment, 13*(2), 277.